

LIGIA CADEMARTORI

ROTEIROS PARA LEITURA LITERÁRIA

PARA PENSAR A POESIA

autêntica

Ligia Cademartori é doutora em Teoria da Literatura. Foi professora do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Brasília (UnB). Como conferencista, participou de congressos na Universidade de Lisboa, em Portugal, e na Universidade de Tulane, nos Estados Unidos. Tem participado, como jurada, do Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro – e de comissões de seleção de livros de literatura do PNBE/MEC 2005 e 2007 e de vários outros concursos literários. Faz crítica literária no suplemento “Pensar” do *Correio Braziliense*.

Este encarte integra as obras infantis e juvenis da Autêntica Editora e não pode ser vendido separadamente.

© Autêntica Editora LTDA.

1 Fora da ordem

Da manhã à noite, usamos as palavras buscando dominar seus sentidos, para submetê-las aos fins práticos da comunicação em casa, no trabalho, na rua. Queremos, apenas, que elas sirvam ao que pretendemos dizer. Que evitem causar surpresas a ouvintes ou leitores e garantam o recebimento da mensagem com o menor risco de ambigüidade. Que funcionem, sejam úteis, mas sejam também modestas, transparentes, e não atraiam a atenção sobre si.

Chega uma hora, no entanto, em que as palavras se rebelam. Gritam todas: “Olhem pra mim!”. E passam a mostrar-se em composições diferentes daquelas em que surgem todos os dias. Nada de recato. Elas se exibem. Em

lugar de diminuir os sentidos, passam a esbanjá-los. Elas brincam, desordenam, exageram, rompem com as convenções. Dizem o que, de hábito, não costumam dizer.

Quando isso ocorrer, preste atenção, porque é possível que as palavras estejam em estado de poesia. Você já viu acontecer muitas vezes. Já encontrou essas palavras em páginas de livros, na tela do computador, em demonstração da força expressiva que elas contêm. Se recorrer à memória, vai lembrar. Poderá, então, dizer, para si ou para outro, não importa, qual manifestação poética foi, em sua vida, a mais marcante. Pode ter sido um único verso ou uma estrofe. Um poema inteiro, talvez.

2 Para ouvir

Quando as palavras não cumprem apenas a função de referir-se a algo, mas atraem a atenção para si mesmas, podemos perceber aspectos materiais da língua, como as unidades de som que, em geral, passam despercebidas. E também o ritmo da seqüência, que alterna elementos sonoros com regularidade ou não. A poesia, com freqüência, explora a aproximação de sons em um mesmo verso, ou em uma mesma estrofe, causando

efeitos sonoros e sugestivos especiais, como se observa em:

“chove chuva choverando”
(Oswald de Andrade)

“é de se olhar toda a trama da trança e transa do cabelo”
(Caetano Veloso)

“Ah! Menina tonta, toda suja de tinta mal o sol desponta.”
(Cecília Meireles)

Ao ouvir ou ler as frases acima, somos atraídos pelo modo como foram organizadas. Percebe-se o arranjo sonoro, a relação dos sons, que pode ser de variados tipos em diferentes composições.

Temos sensibilidade verbal para perceber palavras que soam de modo

mais ou menos agradável. Gostamos de alguns nomes mais que de outros. Percebemos quando determinada aproximação de palavras não fica bem. A poesia é o refinamento dessa percepção. Convoca nossa sensibilidade para entreter-nos com a sonoridade da língua e desfrutá-la.

3 Zona instável

Quando se trata da poesia, os sentidos perdem a estabilidade. É de da instabilidade que provém o impacto que em nós causam certas expressões.

“Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure.”

Esses versos estão entre os mais populares da poesia brasileira. Encerram o “Soneto da fidelidade”, de Vinicius de Moraes. Extraem força da aparente contradição do que dizem. A imprevisibilidade do último verso provoca associação nova na nossa consciência lingüística, ao articular outro modo de pensar o amor. Encontrou tanta receptividade no público, que acabou apropriado por inúmeros discursos cotidianos, jornalísticos, publicitários.

A poesia apreende o mundo de modo próprio e, como a respeito disse Mario Quintana, é “impossível qual-quer explicação: ou a gente aceita à

primeira vista, ou não aceitará nunca: a poesia é o mistério evidente”. E, dizendo isso, na aproximação das duas últimas palavras, provoca deslocamento de sentidos, e é disso mesmo que se trata, quando o assunto é poesia.

Relembre uma composição da música popular brasileira, de autoria de Gilberto Gil, intitulada “Metáfora”. Ela também adverte para a rebelião de sentidos das palavras, quando elas se encontram em estado poético:

“Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz 'lata'
Pode estar querendo dizer o incontível”

Em letras de música ou em poemas, você já percebeu muitas vezes o abalo dos significados correntes das palavras que usa. Os casos que puder lembrar agora, sem dúvida, foram os que lhe causaram maior impressão.

4 Importante lembrar

Foi o poeta José Paulo Paes que disse: “poesia é brincar com palavras”. É uma constatação fácil de fazer para quem convive com crianças. As quadras, parlendas e cantigas as seduzem e divertem desde cedo. Estimuladas por elas, acolhem espontaneamente a poesia.

A escola, de um modo ou de outro, com maior ou menor propriedade, promove a poesia. A expressão encontra espaço nos livros didáticos e em atividades na sala de aula. Dados comprovam, no entanto, que à medida que as crianças passam para séries mais avançadas, a poesia deixa de ser oferecida a elas. Assim, a experiência poética

de muitas pessoas fica circunscrita à experiência dos primeiros anos da escola. Grande perda.

Por isso, antes que um professor se disponha a apresentar textos poéticos a seus alunos, é importante que recupere a memória de sua relação com a poesia na infância. Como ela lhe foi apresentada, por quem, onde e o que significou. A avaliação da própria experiência pode ser decisiva na orientação sobre o que fazer e o que evitar ao promover a leitura poética junto aos alunos. Foi uma leitura ou audição prazerosa? Estimulante? Lúdica? Despertou interesse pelo gênero de modo a mantê-lo na vida adulta? Ou foi um prazer que ficou para trás?

5 Além da página

Uma professora, em briga com colegas e insatisfeita com a direção, não teve dúvida: colou na porta um cartaz e reproduziu os versos como manifestação do que sentia. Um adolescente todo vestido de preto exibiu as mesmas palavras, impressas em branco na camiseta, em manifestação de protesto na universidade. Uma porção de blogs as repetem. Alguns restaurantes apelam para o charme dos versos na impressão de toalhas de papel. São repetidos na

televisão. E já houve quem declarasse serem eles a mais remota lembrança poética que tinha, porque eram versos estampados no guardanapo da cozinha da casa materna. Eles são do “Poeminha do contra”, de Mário Quintana:

“Eles passarão...
Eu passarinho!”

Poucos versos foram tão apropriados pelo povo como esses. Sinal disso é que são reproduzidos, com pequenas

variações de palavras nos versos antecedentes e com mudança da pontuação nos dois citados acima. Não há maior prova de recepção bem-sucedida que a que permite repetir alterando. Os leitores se sentem tão próximos dos versos que deixam neles suas marcas.

Observe nas feiras urbanas a presença de versos que migraram das páginas dos livros para painéis e quadros em diferentes materiais, assim como para inscrições em roupas ou em cartões. Entre eles, alguns são preferidos, como

“Navegar é preciso, viver não é preciso.”

Extraído de obra de Fernando Pessoa, o verso evoca lema dos antigos navegadores da Escola de Sagres. Sua popularidade entre nós, sem dúvida, contou com a repercussão da música

“Os argonautas”, de Caetano Veloso. Não foi essa a única vez em que a poesia portuguesa alcançou o grande público brasileiro por via musical. Outros versos, divulgados em inscrições de objetos variados nas feiras, provavelmente são reconhecidos pelo grande público graças à voz de Fagner, que gravou poema de Florbela Espanca:

“Minh’alma de sonhar-te anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver”

A multiplicação dos meios permite o fenômeno intermediário. Você certamente se lembra de outros exemplos de versos que passaram a fazer parte do repertório do povo e são celebrados além do circuito dos aficionados por poesia, e bem pra lá do ambiente escolar.

Foi muito criticado. Mas é um desses casos em que os versos se desprendem da origem e se tornam expressão espontânea e corriqueira do cotidiano, que, às vezes, se permite um aceno para a poesia. Vez por outra são evocados, não raro com humor, mesmo que o falante desconheça tratar-se de uma paródia. Podem também ser empregados com certa gravidade, mas sempre para indicar que algo, um obstáculo, exis-

te e resiste, para fadiga de quem tem um caminho a percorrer. A repetição nesse poema de Drummond, recurso comum da poesia, remete ao poema do novecentista Olavo Bilac, intitulado “Nel mezzo del camin...”, que explora o mesmo efeito repetitivo:

“Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
e triste, e triste e fatigado eu vinha.”

O título em italiano usado por Bilac, por sua vez, remete ao conhecido verso de Dante Alighieri, poeta italiano

do século XIV, na *Divina Comédia*. Se a poesia se insinua em vários meios, percorre também o tempo, em diálogos intertextuais, nem sempre pacíficos, que poetas mantêm entre si. Mas convém estar atento: dialogar com outras obras é algo que não se confunde com imitar modelos consagrados por falta de talento e imaginação.

6 Versos conversam

O diálogo entre poemas pode ir longe no tempo e, às vezes, provocar tumulto. Em 1930, Carlos Drummond de Andrade publicou *Alguma Poesia*. No livro, uma composição causou alvoroço e, dizem, incômodo para o poeta. Era “No meio do caminho”:

“tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.”

7 O conteúdo da lata

A canção já citada de Gilberto Gil diz: “não se meta a exigir do poeta que determine o conteúdo em sua lata”, modo de aludir à profusão de sentidos que um bom poema abriga e que, no entanto, deixa vazios a serem livremente preenchidos pelo leitor.

No entanto, ao apresentar uma composição poética à criança, cabe levar em conta as condições de interesse e compreensão dela, para que possa ter prazer com a leitura. Em uma forma sucinta, com maior ou menor grau de singularidade, algo se diz no poema em forma capaz de provocar prazer pelo inesperado e por aquilo que consegue articular. Sejamos delicados.

Para pensar mais a respeito, lembre-se que Octavio Paz, poeta mexicano, disse que a poesia é um conjuro verbal, ou seja, uma invocação, com o poder de nos fornecer imagens mentais. E prossegue: “A poesia se ouve com os ouvidos mas se vê com o entendimento. Suas imagens são criaturas anfíbias: são idéias e são formas, são sons e são silêncio”.

autêntica

www.autenticaeditora.com.br

**televendas
0800 2831322**

Autêntica Editora Ltda.

Rua Aimorés, 981 – 8º andar | Bairro Funcionários | Belo Horizonte – MG | CEP 30140-071

Tel.: (31) 3222 6819 – Fax.: (31) 3224 6087

vendas@autenticaeditora.com.br